



**SUMÁRIO EXECUTIVO DO
PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A
CONSERVAÇÃO DOS GRANDES CETÁCEOS
E PINÍPEDES**





Em 1997 foi publicada a primeira versão do Plano de Ação para Conservação dos Mamíferos Aquáticos do Brasil, fruto do empenho do IBAMA e do Grupo de Trabalho Especial de Mamíferos Aquáticos – GTEMA. O Plano ressaltou os projetos prioritários necessários à ampliação dos conhecimentos científicos sobre esses animais e revigorou as medidas de conservação, especialmente visando às espécies sob maior pressão antrópica. Em 2001, publicou-se uma segunda versão atualizada, válida até 2005.

Em 2005 iniciou-se, sob a responsabilidade dos integrantes do GTEMA, a terceira versão. Com a criação do ICMBio em 2007, os trabalhos foram direcionados para uma abordagem separando-se distintos grupos taxonômicos de mamíferos aquáticos, apresentando o Plano sob um novo formato.

O Plano de Ação para a Conservação dos Mamíferos Aquáticos – Grandes Cetáceos e Pinípedes é fruto da oficina de planejamento realizada em setembro de 2009, no Parque Nacional da Tijuca/RJ. Na reunião, o Plano foi consolidado e o ICMBio conseguiu estabelecer um pacto para a conservação das seis espécies ameaçadas de Grandes Cetáceos, incluindo aquelas com déficit de informação, além de ações para Pinípedes.

Os objetivos específicos do Plano de Ação foram orientar e estabelecer as ações prioritárias para a conservação das espécies de mamíferos aquáticos, presentes na Lista Nacional da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (IN MMA nº 3, 26/05/2003), assim como das espécies que sofrem ameaças de origem antrópica ao longo de sua distribuição geográfica, para posterior implementação por atores da esfera governamental e não-governamental.

A conservação dos mamíferos aquáticos, assim como a de outros grupos taxonômicos, é um processo contínuo, que nunca pode ser considerado completo e finalizado, mesmo que esteja sendo bem sucedido. As medidas em vigor devem passar por processos contínuos de avaliação e novos esforços devem ser empreendidos para mitigar ou eliminar as ameaças à conservação.

Além das seis espécies de grandes cetáceos listados como ameaçados, o presente Plano abrange ações prioritárias para a conservação de espécies não-ameaçadas, sendo três de grandes cetáceos e sete de pinípedes, totalizando 16 espécies:



Acervo Projeto Baleia Franca

Espécies do PAN e distribuição nas unidades de conservação federais

Espécies ameaçadas	Exemplos de ocorrência em UC
1. Baleia-azul (<i>Balaenoptera musculus</i>)	Desconhecida
2. Baleia-fin (<i>B. physalus</i>)	Desconhecida
3. Baleia-sei (<i>B. borealis</i>)	Desconhecida
4. Baleia-franca-austral (<i>Eubalaena australis</i>)	Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim, Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (SC), Parque Nacional Marinho de Abrolhos e Área de Proteção Ambiental da Ponta da Baleia (BA); Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (SC); Reserva Ecológica da Ilha dos Lobos (RS)
5. Baleia-jubarte (<i>Megaptera novaeangliae</i>)	Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim, Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca, Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (SC), Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais (PE/AL), Área de Proteção Ambiental de Fernando de Noronha, Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE), Reserva Biológica do Atol das Rocas (RN), Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo (RJ), Parque Nacional Marinho dos Abrolhos e Reserva Extrativista Marinha do Corumbau (BA)
6. Cachalote (<i>Physeter macrocephalus</i>)	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca, Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (SC), Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo (RJ)

Espécies não-ameaçadas

1. Baleia-minke-anã (<i>B. acutorostrata</i>)
2. Baleia-minke-antártica (<i>B. bonaerensis</i>)
3. Baleia-de-bryde (<i>B. edeni</i>)
4. Leão-marinho-sul-americano (<i>Otaria flavescens</i>)
5. Lobo-marinho-do-sul (<i>Arctocephalus australis</i>)
6. Pinípedes, subantártico e antárticos: Lobo-marinho-subantártico (<i>Arctocephalus tropicalis</i>), Lobo-marinho-antártico (<i>Arctocephalus gazella</i>), Foca-leopardo (<i>Hydrurga leptonyx</i>), Foca-caranguejeira (<i>Lobodon carcinophaga</i>) e Elefante-marinho-do-Sul (<i>Mirounga leonina</i>)



GRANDES CETÁCEOS

Baleia-azul

Classificação Taxonômica

Ordem: Cetartiodactyla

Subordem: Mysticeti

Família: Balaenopteridae

Gênero e espécie: *Balaenoptera musculus*
(Linnaeus, 1758)



Tony Martin

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

A baleia-azul é o maior animal da Terra, medindo até 30 metros e atingindo 33 metros de comprimento. É facilmente identificável devido a sua coloração azul-acinzentada com pequenas pintas, corpo esguio e nadadeira dorsal pequena, no terço terminal do corpo. Apresenta cabeça em forma de "U", em vista dorsal, medindo cerca de um quarto do tamanho do corpo e orifício respiratório protuberante. O borrifo, produzido durante a expiração, pode atingir até 12 metros de altura. O tempo de gestação é de onze a doze meses e o intervalo de nascimento é de dois ou três anos. A lactação dura de seis a oito meses. No Hemisfério Sul, alimenta-se predominantemente do krill antártico (*Euphasia superba*) e também de outras espécies de eupausiáceos, copépodos e anfípodos planctônicos, além de pequenos peixes e cefalópodes. Geralmente, vivem solitárias, aos pares ou trios, embora grupos maiores possam ser vistos em áreas de alimentação ou reprodução.

Apresentam distribuição circunglobal ou cosmopolita, sendo encontradas em todo o mundo, usualmente em áreas oceânicas. No período de alimentação (verão e início do outono) migram para áreas polares ou subpolares e no período reprodutivo (inverno e primavera) migram para áreas tropicais ou subtropicais. São reconhecidas três formas geográficas ou subespécies: uma no Hemisfério Norte, *Balaenoptera musculus musculus*; e duas no Hemisfério Sul, a baleia-azul-pigméia, *B.m. brevicauda*, distribuída nas zonas subantárticas dos Oceanos Índico e Pacífico Sul Ocidental, e a baleia-azul-antártica, *B.m. intermedia*, distribuída em regiões antárticas. No Brasil, têm-se registros de encalhe ou captura por caça do Rio Grande do Sul ao Pará.

Baleia-fin

Classificação Taxonômica

Ordem: Cetartiodactyla

Subordem: Mysticeti

Família: Balaenopteridae

Gênero e espécie: *Balaenoptera physalus*
(Linnaeus, 1758)



Cris Martins

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

A baleia-fin é a segunda maior espécie de baleia medindo 26 metros. Apresenta como principal característica morfológica diagnóstica um padrão de coloração assimétrico na região da cabeça (esbranquiçada do lado direito da mandíbula inferior, cavidade da boca e algumas cerdas). A cabeça tem forma de "V", em vista dorsal, e uma quilha central proeminente. A nadadeira dorsal é alta e localizada próximo à cauda. O período de gestação dura cerca de onze meses, no final do qual nasce usualmente um único filhote, com cerca de 6 a 7 metros de comprimento. A lactação dura de seis a sete meses. No Hemisfério Sul, a espécie alimenta-se predominantemente de krill (*Euphasia spp.*) e outros crustáceos planctônicos. Geralmente vivem solitárias ou em grupos de dois a sete indivíduos, embora grupos maiores possam ser observados em área de alta produtividade. Grupos mistos de baleias-fins e baleias-azuis não são raros nas áreas de alimentação, com a existência de híbridos entre as duas espécies.

Apresenta distribuição circunglobal, sendo reconhecidas duas formas geográficas ou subespécies: *Balaenoptera physalus physalus*, no Hemisfério Norte, e *B.p. quoyi*, no Hemisfério Sul. Os indivíduos do Hemisfério Sul atingem comprimentos máximos de 25 e 26 metros, para machos e fêmeas, respectivamente, sendo maiores que os do Hemisfério Norte. A espécie tem hábitos oceânicos, apresentando um padrão sazonal de migração latitudinal entre as áreas de alimentação, nas proximidades das regiões polares (altas latitudes), onde ocorre durante o verão, e as áreas de reprodução (baixas e médias latitudes), onde aparece durante o inverno.



Baleia-sei

Classificação Taxonômica

Ordem: Cetartiodactyla

Subordem: Mysticeti

Família: Balaenopteridae

Gênero e espécie: *Balaenoptera borealis*
(Lesson, 1828)



L. Dalla Rosa

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

A baleia-sei é a terceira maior espécie de cetáceo, atingindo 20 metros. Apresenta coloração cinza-escura, com manchas ovais mais claras distribuídas pelo corpo e região ventral mais clara. Esta espécie possui apenas uma quilha mediana dorsal no rostro e uma nadadeira dorsal, relativamente alta e acentuadamente falcada, localizada em posição mais anterior que nos demais Balaenopterídeos. A espécie tem hábitos alimentares um pouco distintos das demais espécies de rorquais, alimentando-se especialmente de copépodos, próximo à superfície. A gestação dura em torno de doze meses e os indivíduos nascem com 4,5 metros de comprimento, permanecendo com a mãe por cerca de sete meses, durante o período de lactação.

Ocorrem em todos os oceanos, com preferência por águas oceânicas profundas. Durante o período reprodutivo (inverno e primavera) frequentam águas tropicais. Migram, durante o verão, para as áreas de alimentação em águas temperadas frias e sub-polares, raramente migrando até as regiões polares. Atualmente, são reconhecidas três populações disjuntas: Atlântico Norte, Pacífico Norte e Hemisfério Sul. No Brasil, há registros de encalhes e avistagens nos estados Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo, bem como em posições oceânicas na ao largo da costa da Região.

Baleia-franca-austral

Classificação Taxonômica

Ordem: Cetartiodactyla

Subordem: Mysticeti

Família: Balaenidae

Gênero e espécie: *Eubalaena australis*
(Desmoulins, 1822)



Karina Groch

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

A baleia-franca-austral é facilmente reconhecida devido à ausência de nadadeira dorsal e pregas ventrais, presença de nadadeiras peitorais largas (em formato trapezoidal) e calosidades na região da cabeça, ao redor do orifício respiratório e da boca, característica exclusiva do gênero. Essas calosidades são espessamentos da epiderme, infestados por colônias de crustáceos anfípodos da família Cyamidae (piolhos-de-baleia, *Cyamus sp.*), responsáveis pela coloração branca ou amarelada. Possuem os orifícios respiratórios bastante separados, geralmente originando um borrião característico em forma de "V" durante a respiração.

O período de gestação é de onze a doze meses e as fêmeas têm um filhote, em média, a cada três anos. São animais pouco gregários, tanto em áreas de alimentação quanto em áreas de reprodução. Animais solitários ou em grupos de dois indivíduos são os mais frequentemente observados, podendo vários grupos estar distribuídos em pequenas áreas de agregação. Estudos indicam haver certa fidelidade às áreas de reprodução.

A principal área de ocorrência da espécie está situada na faixa entre os 20° e 64° de latitude sul. A espécie apresenta um padrão de migração sazonal característico entre as áreas de reprodução (durante o inverno) e de alimentação (durante o verão). Alimenta-se em águas frias, por meio da filtração na superfície ou logo abaixo, e sua dieta é constituída basicamente de copépodos e krill (*Euphasia superba*). É encontrada em águas abertas na maior parte de suas áreas de alimentação e possui hábitos costeiros durante o período reprodutivo. As áreas de alimentação conhecidas no Hemisfério Sul são as regiões próximas à Convergência Antártica. Existem quatro estoques reprodutivos principais de baleias-francas-austrais, reconhecidos no Hemisfério Sul, localizados na África do Sul, Austrália, América do Sul e região subantártica da Nova Zelândia e pequenas populações associadas a estes grandes estoques. No Brasil, sua principal área de ocorrência está entre Santa Catarina e o litoral norte do Rio Grande do Sul, mas tem-se registro até o Arquipélago dos Abrolhos (BA).



Baleia-jubarte

Classificação Taxonômica

Ordem: Cetartiodactyla

Subordem: Mysticeti

Família: Balaenopteridae

Gênero e espécie: *Megaptera novaeangliae*
(Borowski, 1781)



Enrico Marcovaldi/Instituto Baleia Jubarte

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

As principais características da baleia-jubarte são o tamanho das nadadeiras peitorais, que medem aproximadamente um terço do comprimento total do animal, a presença de 14 a 35 pregas ventrais, a coloração e o formato serrilhado da nadadeira caudal. A região ventral da nadadeira caudal apresenta pigmentação que varia do branco ao preto, permitindo a diferenciação individual dos animais. O período de gestação é de onze a doze meses. Nas áreas de alimentação e reprodução, apresentam organização social caracterizada por grupos instáveis e pequenos (dois a três animais). Grupos maiores podem, entretanto, formar-se temporariamente durante o comportamento alimentar ou durante a temporada reprodutiva, relacionados com a competição agressiva entre machos.

A baleia-jubarte tem distribuição cosmopolita realizando migrações sazonais entre áreas de alimentação e áreas de reprodução. Entre os meses de dezembro e junho, o verão e o início de outono é encontrada em altas latitudes, permanecendo entre julho e novembro em águas tropicais e subtropicais para acasalamento e nascimento dos filhotes. No Brasil, ocorre do Rio Grande do Sul até o Pará, incluindo os arquipélagos oceânicos de São Pedro e São Paulo e Fernando de Noronha. A principal área de concentração no Brasil é o Banco dos Abrolhos.

Cachalote

Classificação Taxonômica

Ordem: Cetartiodactyla

Subordem: Odontoceti

Família: Physeteridae

Gênero e espécie: *Physeter macrocephalus*
(Linnaeus, 1758)



Marta J. Cremer

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

O cachalote é o maior dos Odontocetos, por isto o único inserido neste plano de Ação. É cetáceo que apresenta o maior dimorfismo sexual, tanto em comprimento corporal quanto no peso. Machos adultos atingem cerca de 18 metros e 57 toneladas, enquanto que as fêmeas adultas são menores, chegando a 11 metros e 15 toneladas. Apresenta um grande tamanho corporal, possui extensa área de vida, executa mergulhos a grandes profundidades e exerce um papel ecológico incomparável nos oceanos.

É facilmente distinguível de outros grandes cetáceos pela cabeça retangular e grande, com cerca de um quarto do comprimento do corpo. Sua coloração escura é quase uniforme, variando do cinza-amarronzado-escuro ao marrom. A pele tem uma aparência enrugada, intensamente na parte posterior do corpo. A cabeça possui um grande reservatório de um óleo de alta qualidade conhecido como espermacete, principal responsável pela caça indiscriminada da espécie. A acentuada assimetria do crânio e das passagens de ar em torno do espermacete é manifestada externamente pelo borrifo, que é direcionado para frente e para a esquerda na ponta do rosto.

A dieta é diversificada e inclui a maioria dos grandes organismos que habitam as áreas profundas dos oceanos, a mais de 400 metros de profundidade, principalmente cefalópodes (lulas e polvos) e peixes (como arraias, tubarões e membros da família Gadidae). O cachalote apresenta reprodução sazonal, embora a cópula e os nascimentos não sejam bem sincronizados. O pico de nascimentos ocorre no final da primavera e início do verão e a maior parte dos nascimentos ocorrem no verão e outono. Ao nascer após 14-16 meses de gestação, o filhote do cachalote mede cerca de 4 metros de comprimento.

O cachalote ocorre em todos os oceanos do mundo, evitando áreas rasas e fechadas, principalmente com entradas estreitas. Diferentemente das outras espécies de cetáceos (com exceção do boto-vermelho ou da Amazônia, *Inia geoffrensis*) machos e fêmeas apresentam distribuição e comportamento migratório diferentes. No Brasil, ocorrem do Rio Grande do Sul ao Pará, com três bacias, indicadas como prováveis áreas de concentração: Camamu/Almada (Bahia), Espírito Santo e Santos (SP). Sendo que no Brasil, a maior frequência de encalhes ocorre na região nordeste.



PINÍPEDES

Leão-marinho-sul-americano

Classificação Taxonômica

Ordem: Carnivora

Família: Otariidae

Gênero e espécie: *Otaria flavescens*
(Gray, 1800)



Ronald A. Raske

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

O leão-marinho-sul-americano é caracterizado pela presença nos machos adultos de uma grande quantidade de pelos bem desenvolvidos, lembrando a juba dos leões terrestres, além de também possuir um grande focinho achatado. Esta espécie é um dos maiores otariídeos existentes, sendo o comprimento médio dos adultos de aproximadamente 230 cm para machos e 180 cm para fêmeas. Alimentam-se de uma ampla gama de espécies, principalmente da família Sciaenidae.

A espécie se reproduz em ilhas do Uruguai, Argentina, Ilhas Falklands/Malvinas, Peru e Chile. Contudo, existem registros esporádicos da espécie para a Colômbia, Ilhas Galápagos e até mesmo a costa do Panamá na América Central. No Brasil, a espécie concentra-se principalmente nos Refúgios de Vida Silvestre do Molhe Leste de São José do Norte e da Ilha dos Lobos em Torres, ambos no Rio Grande do Sul. Acredita-se que os exemplares que chegam à costa brasileira sejam oriundos principalmente do Uruguai, onde estão localizadas as colônias reprodutivas mais próximas do Brasil.

Lobo-marinho-sul-americano

Classificação Taxonômica

Ordem: Carnivora

Família: Otariidae

Gênero e espécie: *Arctocephalus australis*
(Zimmerman, 1783)



Sérgio Estima

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

O lobo-marinho-sul-americano apresenta o focinho mais fino e alongado do que o leão-marinho. Os machos adultos atingem 188,5 cm e as fêmeas 142,5 cm. O lobo-marinho-sul-americano se reproduz de outubro a dezembro, sendo um dos otariídeos mais amplamente distribuídos ao longo do Hemisfério Sul. Possui colônias reprodutivas tanto na costa Atlântica quanto Pacífica da América do Sul. Na costa Atlântica da América do Sul, ocorre desde o extremo sul da Argentina e ilhas vizinhas (Ilha dos Estados e Ilhas Falklands) até a costa do Uruguai, onde existe a maior colônia reprodutiva da espécie na Ilha dos Lobos, com mais de 150.000 indivíduos.

Lobo-marinho-subantártico

Classificação Taxonômica

Ordem: Carnivora

Família: Otariidae

Gênero e espécie: *Arctocephalus tropicalis*
(Gray, 1872)



Sérgio Estima

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

O lobo-marinho-subantártico apresenta no peito, garganta e face uma tonalidade pardo-amarelada e uma mecha de pelos no alto da cabeça, semelhante a um "topete". Machos adultos podem atingir 180 cm e as fêmeas, 130 cm de comprimento total. A espécie



habita principalmente as ilhas ao norte da Convergência Antártica (Saint Paul, Amsterdam, Prince Edward, Marion, Crozet, Possession e Macquaire). Contudo, muitos espécimes erráticos foram registrados no Brasil (no estado do Rio de Janeiro), Angola, Ilhas Juan Fernández e Comoro, além da Austrália, Nova Zelândia e África do Sul. As colônias reprodutivas mais próximas da costa do sul do Brasil estão a mais de 4.000 km de distância, nas Ilhas Tristão da Cunha e Gough. De acordo com a Seal Conservation Society, o número populacional corrente seria de 277.000 a 356.000 indivíduos. Esta espécie apresenta marcada sazonalidade, ocorrendo na costa brasileira principalmente de junho a outubro, representada na região sul do Brasil basicamente por indivíduos adultos, subadultos e juvenis. A espécie já foi encontrada no litoral brasileiro nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte.

Lobo-marinho-antártico

Classificação Taxonômica

Ordem: Carnivora

Família: Otariidae

Gênero e espécie: *Arctocephalus gazella*
(Peters, 1875)



Cláudia Rocha-Campos

BIOLOGIA E DISTRIBUIÇÃO

O lobo-marinho-antártico diferencia-se do lobo-marinho-subantártico (*Arctocephalus tropicalis*) por ser todo marrom, não possuir o contraste marcante entre a região ventral e o resto do corpo e por não apresentar a mecha de pelos no alto da cabeça. Além disso, as nadadeiras anteriores também são mais longas do que as de *Arctocephalus tropicalis*. A principal diferença entre as espécies é a forma dos dentes, sendo os últimos dentes pós-caninos reduzidos e em forma de “botões”. Machos e fêmeas adultos podem atingir, respectivamente, 171 cm e 140 cm de comprimento total. Suas colônias reprodutivas localizam-se em ilhas ao sul e ao norte da Convergência Antártica (Geórgias do Sul, Orkadas do Sul, Shetlands do Sul, Sandwich do Sul, Bouvetoya, Heard, Marion, Macquarie, McDonald, Crozet, Prince Edward e Kerguelen), contudo, 95% da população estão concentrados nas Ilhas Geórgias do Sul. Acredita-se que a população atual seja superior a quatro milhões de indivíduos. Indivíduos vagantes já foram encontrados no Brasil, Chile, Argentina e Uruguai.

PRINCIPAIS AMEAÇAS PARA A CONSERVAÇÃO DOS GRANDES CETÁCEOS E PINÍPEDES

As pressões ambientais e antrópicas sobre os mamíferos aquáticos têm mudado ao longo do tempo. Historicamente, a caça das baleias foi a atividade humana que mais afetou a sua abundância, reduzindo muitas espécies a baixos níveis populacionais. As ameaças da caça para o consumo alimentar e a utilização do óleo e das peles foram reduzidas com a mudança dos hábitos das populações humanas, embora não tenham sido ainda completamente eliminadas.

Atualmente, novas ameaças surgiram, tais como o aquecimento global, a poluição sonora de baixa frequência, a intensificação do tráfego marítimo, a redução na disponibilidade de presas, a poluição por contaminantes químicos, o risco de capturas em redes de pesca, a colisão com embarcações, a caça científica que ainda ocorre em alguns lugares do mundo. Estes fatores, que não eram considerados ameaças no passado, hoje são motivo de grande preocupação. O aumento da população humana, especialmente na zona costeira, tem exercido forte pressão nos ecossistemas marinhos pela perda, degradação e fragmentação de habitats, poluição e competição por recursos.

As mudanças climáticas globais têm alterado os padrões de circulação oceânicos e as temperaturas da água do mar, influenciando a produtividade marinha em altas latitudes, incluindo o zooplâncton (alimento direto dos grandes cetáceos e indiretos dos pinípedes) assim como alterando parâmetros biológicos e populacionais nos mamíferos aquáticos que frequentam a costa brasileira.

A degradação do habitat em consequência das atividades de prospecção e exploração de petróleo e gás constituem motivo de preocupação, principalmente devido aos efeitos ainda pouco conhecidos dos levantamentos de dados de sísmica marinha, além do aumento do tráfego de embarcações e da poluição por hidrocarbonetos. Não se sabe ao certo quantas embarcações por ano colidem com baleias e, mais significativa ainda, o quanto a poluição sonora e os distúrbios de navios podem interferir, por exemplo, na comunicação ou no comportamento social.

A interação com a atividade de pesca é caracterizada pelo comportamento dos animais de seguir as embarcações pesqueiras e capturar os peixes emalhadados nas redes, danificando muitas vezes os equipamentos de pesca. Em função disso, os animais são considerados pelos pescadores como um sério competidor pelos recursos pesqueiros, ocorrendo agressões antrópicas. Animais são encontrados apresentando marcas de redes, perfurações de bala e crânios fraturados, possivelmente em consequência dessas interações. É importante destacar que estes conflitos tendem a se agravar no futuro, especialmente em decorrência da diminuição de alguns estoques pesqueiros no Brasil, assim como devido ao crescente empobrecimento das comunidades pesqueiras locais.

Os mamíferos aquáticos são especialmente vulneráveis a diversas ameaças devido, entre outros fatores, as suas baixas taxas intrínsecas de aumento populacional. Apesar de pertencerem a grupos taxonômicos de origens diversas, os mamíferos aquáticos são considerados como um grupo distinto dos terrestres no desenvolvimento de ações e normas legais de proteção, pois todos são dependentes de ecossistemas aquáticos para a sua sobrevivência e submetidos a pressões e ameaças semelhantes.



Kátia Croch



O aumento na ocorrência de espécies antárticas no litoral brasileiro, seja real ou fruto do esforço de monitoramento, resulta no recolhimento de exemplares encontrados nas praias até centros de reabilitação e sua consequente liberação, uma vez recuperados. O Comitê Científico para Recursos Vivos Antárticos (SCAR) promoveu várias oficinas de trabalho sobre o impacto que a reintrodução de espécimes reabilitados teria sobre o ambiente antártico. Varias resoluções e boletins do SCAR (boletins de atividades nº 133/99 e 135/99), além de um documento especial produzido no ano 2000 sobre doenças da fauna antártica, o Diseases of Antarctic Wildlife, abordam este tema. O SCAR recomenda que animais de origem antártica (recolhidos) devem permanecer nos centros de reabilitação de forma a manter o ambiente antártico prístino e preservado, não devendo ser reintroduzidos.

PORTARIA DO PAN GRANDES CETÁCEOS E PINÍPEDES

A Portaria nº 96, de 27 de agosto de 2010, aprovou o Plano que tem como objetivo geral reduzir o impacto antrópico e ampliar o conhecimento sobre Grandes Cetáceos e Pinípedes no Brasil, nos próximos dez anos. Caberá ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos – CMA a sua coordenação, com previsão de implementação até agosto de 2020 e monitoria anual do processo de implementação.

O Plano de Ação para Conservação dos Mamíferos Aquáticos - Grandes Cetáceos e Pinípedes abrange 16 espécies (sendo seis ameaçadas). Dessas 16 espécies, nove são de Grandes Cetáceos, com 21 metas e 146 ações estabelecidas. Também foram propostas ações de conservação para sete espécies de Pinípedes, detalhadas em 14 metas e 87 ações.

Dentre as 16 espécies de mamíferos aquáticos há ênfase em seis espécies ameaçadas: baleia-azul, baleia-fin, baleia-sei, baleia-franca, baleia-jubarte e cachalote (respectivamente *Balaenoptera musculus*, *Balaenoptera physalus*, *Balaenoptera borealis*, *Eubalaena australis*, *Megaptera novaeangliae* e *Physeter macrocephalus*).

Para as espécies baleia-azul, baleia-fin, baleia-sei e cachalote, (respectivamente *Balaenoptera musculus*, *Balaenoptera physalus*, *Balaenoptera borealis*, e *Physeter macrocephalus*), o PAN Grandes Cetáceos tem como objetivo gerar conhecimento para a avaliação do status de conservação e minimizar potenciais ameaças, com três metas: a) implantação de programa de pesquisa com foco na avaliação do status de conservação das espécies; b) identificação e minimização de impactos da atividade antrópica; e c) fortalecimento da política de uso não-letal, totalizando 36 ações.

Para as espécies baleia-franca (*Eubalaena australis*) e baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*), o PAN Grandes Cetáceos tem como objetivo otimizar a continuidade do crescimento populacional em 10 anos, com três metas: a) identificação e minimização dos impactos da atividade antrópica; b) fortalecimento da política de uso não-letal e c) realização de monitoramento coordenado das populações, totalizando 45 ações.

A supervisão do PAN Grandes Cetáceos caberá à Coordenação Geral de Espécies Ameaçadas - CGESP/DIBIO e a sua coordenação será do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos - CMA/ICMBio.

O Presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade designará um Grupo Estratégico para Conservação e Manejo para cooperar no acompanhamento da implementação do PAN Grandes Cetáceos, nos termos da Portaria 316/2009 - MMA - Instituto Chico Mendes.

Realização



Ministério do
Meio Ambiente



Apoio



The World Bank

PROBIO II

Para conhecer as ações e os articuladores do PAN Grandes Cetáceos e Pinípedes acessar:
<http://www.icmbio.gov.br/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-planos-de-acao-nacionais>